

LIÇÕES
DE
AMOR ALI CRONIN

Tradução
RITA SUSSEKIND

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Penguin Books Ltd, 2013
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Lessons in Love

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Alyne Azuma

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cronin, Ali

Lições de amor / Ali Cronin ; tradução Rita Sussekind. —
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Lessons in Love.
ISBN 978-85-65765-21-3

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

13-09159

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



ERA A MANHÃ DEPOIS de uma excelente noite de comemoração, mas eu estava indo para a escola com mais ressaca do que alegria. Quer dizer, eu não estava totalmente arrasada. Para começar, era o último dia de aula antes do recesso, e uma semana inteira sem ter que passar sequer um segundo sentada em uma sala cheia de pessoas mais inteligentes do que eu era sempre bem-vinda.

Mas...

Ontem à noite, minha amiga Cass deu um pé na bunda do namorado. Era uma boa notícia, já que o garoto era um babaca, e foi por isso que comemoramos.

Mas...

Aquilo me fez pensar em “romance”. Ainda estávamos em fevereiro, mas nosso amigo Jack, eterno solteiro, já estava namorando; Ashley, minha melhor amiga e adepta do sexo sem compromisso, estava completamente apaixonada; e até o *meu*

pai tinha arrumado uma namorada. Claro, o resto do grupo estava solteiro... mas eu era a única que estava assim há um tempão. Com exceção de Rich, é claro. Só podia ser uma lei de Murphy: o único garoto da minha idade de quem eu gostava e que combinava comigo não gostava de meninas. Não que eu estivesse a fim dele, mas você entende o que quero dizer.

Então. Fazia séculos que eu não vivia uma “história de amor”. Por quê?

Boa pergunta. Bem, obviamente, garotos de dezessete anos são emocionalmente tapados, imaturos, verdadeiros depósitos cheios de testosterona apontada para qualquer canto, cobertos de acne. E esses eram os bons. Além disso, eu não era boa em compartilhar. Fazia anos que Ashley era minha melhor amiga, mas ainda havia coisas que eu nunca tinha contado para ela. Era impossível não concluir que... talvez fosse o fim da linha? Estava destinada a ficar eternamente solteira, morando sozinha com um bando de gatos.

Argh. Estava cansada de pensar nisso toda vez que ficava de ressaca. E no resto do tempo também. Abri uma lata de coca, tomei metade em um gole e conferi meu celular — oito e meia. Merda, estava atrasada. Comecei a me apressar, mas desisti. Minhas pernas estavam pesadas demais, e sinceramente eu não estava a fim.

A primeira aula era de teatro. Depois dos exercícios de aquecimento — “três pratos de trigo para três tigres tristes”, treinos de respiração etc. —, Mac, nosso professor, se empoleirou na borda do palco enquanto sentávamos no chão

diante dele. Ele nos mostrou uma folha impressa de um site de notícias.

“Vocês devem ter ouvido falar desta história”, ele começou, com seu sotaque escocês. (Era de se esperar que alguém que vivia dizendo para evitarmos estereótipos em nosso trabalho de improvisação talvez não quisesse ser chamado de Mac. Ele tinha até o cabelo ruivo. Para completar, só faltava vestir um kilt e usar gírias escocesas com mais frequência.)

“É uma história horrível”, prosseguiu. “Um menino de catorze anos se enforcou.” Todos nós olhamos para ele. Nove e pouco da manhã e já estávamos falando sobre suicídio — belo jeito de melhorar o humor. Só que não.

Mac continuou. “Ele deixou um bilhete que não dizia muita coisa, então até hoje ninguém entendeu o motivo. Os pais, os amigos... todos ficaram perplexos”. Ele olhou para nós, e o encaramos de volta. Nosso professor adorava uma pausa de efeito. Depois de seis anos eu ainda não fazia ideia de para que elas serviam. “Gostaria que vocês trabalhassem sozinhos nessa, por favor.” Bateu nos joelhos. “Dez minutos. Podem começar.” Começamos.

Fiquei onde estava, fechei os olhos, o que provavelmente me deixava com cara de idiota, mas me ajudava na concentração. Ninguém sabe por que o menino se matou? Errado. *Alguém* devia saber. Podiam tentar justificar para si mesmos, dizer que não tinham culpa, mas no fundo sabiam que, de alguma forma, estavam com as mãos sujas. Mas como?

Tudo bem. Talvez o menino morto estivesse em algum relacionamento secreto. Um namoro pela internet, com uma

menina. Eu não quis seguir a direção do gay não assumido. Óbvia demais, e homofóbica. Então. Uma menina. Esse menino contou a ela coisas que nunca tinha revelado a mais ninguém, e ela fez o mesmo. Não contou a ninguém sobre ela, exceto para o melhor amigo, que o encorajou. *Vai fundo. Ela parece legal.* Em poucos dias ela se tornou a única coisa na qual conseguia pensar. Tinham até o mesmo senso de humor.

Certo. Podia funcionar. Permitted que minha mente vagasse um pouco mais.

Então... Isso! Aí o melhor amigo fala a verdade: essa “menina” na verdade era ele. Ele e outro amigo fizeram de brincadeira, mas acabou saindo do controle. Ele nunca teve a intenção de que chegasse tão longe. O cara pede desculpas, rindo, como se o amigo fosse ver o lado engraçado da situação. Mas não é o que acontece. Ele fica arrasado. Como se estivesse sofrendo pela perda dela, apesar de a menina nunca ter existido. E, para piorar, dois de seus melhores amigos estavam gargalhando enquanto ele se expunha. Extrema humilhação, traição e solidão. Na cabeça dele, o colégio inteiro estava rindo às suas custas. Na cabeça dele, não havia saída. Ele só queria desaparecer. E desapareceu.

Mac avisou que faltavam dois minutos. Decidi fazer um monólogo do ponto de vista do melhor amigo. Supus que a maioria iria trabalhar com os pensamentos do menino até seu suicídio, então em parte eu quis ser diferente, mas também achava que havia mais ângulos a serem explorados pela perspectiva do melhor amigo. Só havia uma maneira de encerrar a história do pobre menino morto.

“Muito bem”, Mac disse alto, batendo palmas. “Quem quer começar?” Sem esperar uma resposta, apontou para Jessica. Seria um bom começo. Jessica era como uma mulher de trinta anos no corpo de uma garota de dezessete. Ela era tímida, simpática com todo mundo, não seguia a moda, jamais falava palavrão, era quieta, do tipo fechada em si mesma... mas quando começava a atuar, se tornava uma pessoa totalmente destemida. Aquilo era digno de respeito. Enfim. Ela interpretou a mãe do menino. Foi brilhante. No fim Jessica estava chorando — lágrimas de verdade escorrendo pelo rosto. Dá um pouco de vergonha chorar em sala de aula, apesar de ser aula de teatro e de termos feito exercícios para desenvolver a confiança, blá, blá, blá, mas até Mac lacrimejou.

Mais três pessoas fizeram suas interpretações, e eu estava certa — todos interpretaram o morto. Em seguida Mac apontou para mim. Sempre fico nervosa enquanto espero, mas, assim que entro no personagem, não faz mais diferença. Não é papo-furado de atriz. Digo, é papo de atriz, mas é verdade. Eu, Donna Dixon, estava nervosa. Mas Danny, o melhor amigo do menino que cometeu suicídio, não estava nervoso. Estava se sentindo culpado, arrasado, furioso e assustado. Levantei, esperei um segundo e comecei. Improvisei por alguns minutos, indo aonde Danny me levava. Não que eu achasse que *fosse* Danny — isso seria estranho —, mas quase pareceu que ele estava... me possuindo. Era assim que me sentia atuando. Como se o personagem tivesse entrado na minha cabeça, e eu estivesse falando e reproduzindo seus pensamentos e emoções. Quer dizer, às vezes não dava certo. Se eu não tivesse tempo

suficiente para pensar no personagem de antemão, se estivesse cansada ou o que fosse, haveria muito de mim e soaria falso. Mac sempre percebia. Ele dizia “entre no personagem, Donna” com a voz baixa, e eu dava o meu melhor para conseguir.

Mas naquele dia estava funcionando. Não tomei nenhuma decisão consciente, só falei o que veio na minha cabeça — e isso estimulou a fala seguinte, e assim por diante. Não esperava que Danny fosse acabar gritando com o melhor amigo, chamando-o de covarde que não sabia brincar, mas foi o que aconteceu. Quando Danny sucumbiu em seguida, desfazendo-se silenciosamente em dor, pareceu o momento certo para terminar. Enfim, todos aplaudiram, e foi isso. Quando o aplauso me trouxe de volta à realidade, me senti estranhamente arrasada. Esse era o problema de entrar em um personagem — ou permitir que ele tomasse conta de você. Ficava um resíduo das emoções. Já tínhamos trabalhado o abandono do personagem, mas às vezes era muito difícil.

“Uau! Excelente interpretação, Donna”, elogiou Mac. “Acho que todos aqui ficaram cem por cento convencidos da veracidade da história de Danny.” (Era assim que Mac falava. “Veracidade” não significava que algo fosse literalmente verdadeiro, apenas que tinha “integridade” — outro termo de Mac. Você se acostuma.) Ele abriu as mãos. “Acho que não tenho nada a sugerir.” Ele sorriu para mim. “Muito bem!”

Quando a aula acabou, Mac me pediu para ficar. “Já tomou alguma decisão sobre a escola de teatro, Donna?”, perguntou.

Atuar era definitivamente a única coisa que eu me imaginava fazendo da vida. Então havia passado os últimos meses

refletindo sobre estudar a teoria ou simplesmente tentar encontrar um agente assim que acabasse o colégio. Cass (naturalmente) me implorou para “continuar meus estudos”, e falei para os meus amigos que ia me inscrever na faculdade... mas falar e fazer eram coisas diferentes.

“Bem... Acho que quero ir”, falei, como uma idiota. De algum jeito Mac conseguiu não fazer cara de *dã* para mim. Ele era mesmo um bom ator.

“Bom saber”, foi o que disse, sorrindo. “Não esqueça que você precisa entregar os formulários de inscrição até o fim do mês. Posso dar uma olhada antes com todo prazer.”

“Ótimo. Obrigada”, falei. Em seguida, quando ele não disse nada: “Vou fazer isso”.

Ele assentiu com animação. “Ótimo. E então poderemos começar a trabalhar as cenas para as audições.”

Tive um pequeno ímpeto de animação e nervosismo misturados. Audições! Tudo começava a parecer perigosamente real — mas depois da aula daquela manhã e do incentivo de Mac, de repente, me senti confiante. Sentia que era capaz de fazer aquilo. Com a ressaca esquecida, saí da sala praticamente saltitando e segui na direção da próxima aula — inglês —, até que os saltos se dissolveram em uma espécie de caminhada arrastada. Eu era péssima em inglês. Na verdade, eu era péssima em tudo, exceto teatro, mas inglês era a cereja do bolo de merda da minha *cof* carreira acadêmica *cof*.

Sentei ao lado de Cass, como sempre. Era bom, porque Cass era minha amiga, mas também era ruim, porque ela era brilhante. Outro dia ela tirou C em um trabalho e foi como

se o mundo tivesse acabado. Quando eu tirava um C, minha reação era *a-háááááá, idiotas! Consegui passar de novo!*

Ela já estava sentada, com os livros abertos na mesa, equilibrando a caneta entre dois dedos. Sentei e assobiei alguns versos de Beyoncé.

“A-há”, ela disse, sorrindo. “‘Single Ladies’. Acertei? Muito bom.”

Retribuí o sorriso.

“Muito obrigada... Então, como você está?”. Examinei o rosto dela. Parecia bem.

“Estou muito bem”, ela disse, soando surpresa. “Fiquei com receio de dormir e acordar arrependida, mas acordei absurdamente aliviada.”

Aplaudi. “Cara, e eu estou absurdamente impressionada. Teve muita coragem para fazer o que fez. Teve notícias do Adam?”

Ela mordeu o lábio.

“Não... Digo, não estou esperando receber notícias, mas...”

“Caaaaass...”, alertei. “Mantenha-se forte, mocinha. Se ele mandar mensagem, você vai sentir que precisa responder, não é?”

Ela deu de ombros.

“Vai, sim”, respondi por ela. “Seu mecanismo de boas maneiras explodiria se você não respondesse em, tipo, cinquenta e nove segundos. Mas não pode. Vai ser melhor pra todo mundo se ele se arrastar de volta ao buraco dele para lambe as feridas em paz.” Parei e fiz uma careta. “Não devia não ter usado essas palavras na mesma frase...”

Cass balançou a cabeça.

“Você é nojenta.”

Equilibrei a mochila no joelho e comecei a procurar as anotações da aula anterior. Um dia eu realmente organizaria tudo em uma pasta.

“Eu sei. Desculpe.” Falei, colocando as anotações na mesa e voltando para procurar uma caneta. “Onde está a drog... Ah, aqui”. Coloquei uma Bic mastigada perto dos papéis e guardei a bolsa embaixo da cadeira, exatamente quando a srta. Ayles chegou.

Ao contrário da maioria dos professores, ela não gostava de ser chamada pelo primeiro nome. Justo. Se eu me chamasse Enid, também não gostaria. Ela foi até o quadro branco e escreveu: 3 SEMANAS PARA OS SIMULADOS! E então, como taquicardia por estresse nunca é demais, acrescentou: (16 SEMANAS ATÉ A HORA DA VERDADE!).

Ela se virou para nós, sorriu e disse: “Não estou tentando assustá-los”. Então fracassou feio, srta. A. “Semana que vem pode ser recesso, mas também é o momento perfeito para colocar a matéria em dia e fixar o conteúdo. Acho que a expressão apropriada é *agora ou nunca*.”

Ela foi até a mesa, pegou uma pilha de papéis e começou a distribuí-los. “Por falar nisso, corrija os trabalhos sobre *Tess d’Urbervilles*”. Cass foi uma das primeiras a receber o dela. Abriu na última página. Estiquei os olhos para espiar de um jeito mais discreto. Um A. Ótimo. Quando a srta. Ayles entregou o meu, disse baixinho: “Espere um minuto depois da aula, pode ser?”. Maravilha. Nem precisei procurar a nota. O mar de tinta vermelha sobre o papel era suficiente. Mas, ma-

soquista que sou, olhei assim mesmo. F. Um F! Fracasso total. Que merda. Aquilo era a merda das merdas.

“Quanto você tirou?”, Cass perguntou casualmente.

“F”, respondi com a mesma casualidade. Abaixei e guardei a porcaria na mochila. “Vamos começar *Romeu e Julieta* hoje, certo?”

Ela me encarou. Encarei de volta. Não era como se eu fosse superior demais para me importar com o trabalho. Nada disso. Na verdade, eu estava arrasada. Só não queria a pena dela. Nem seus conselhos. Céus, *os conselhos*. Cass era um anjo por querer ajudar e tudo o mais, mas a questão era que se ela já tivesse tirado notas ruins, aí seria o.k. me oferecer conselhos sobre a experiência. Mas ela nunca tinha tirado. Além disso, eu queria muito que a srta. Ayles não devolvesse os trabalhos no começo da aula. Eu sempre passava o resto do tempo mais preocupada com a nota do que com a matéria. E *voilà*: a chance de repetir só aumentava, se é que isso era possível. Ah, foda-se. Passei a mão no rosto, me apoiei no cotovelo e tentei não entrar em pânico enquanto tudo o que a srta. Ayles falava entrava por um ouvido e saía pelo outro. Não que eu fosse totalmente inculta. Eu sabia que *Romeu e Julieta* era uma tragédia, conhecia a rixa entre as famílias, sabia que era uma história de amor, mas não conseguia passar disso. E precisávamos escolher mais dois livros para fazer uma análise comparada de três mil palavras — sim, porque escrever sobre *um* livro que você não entende não é o bastante, então temos o combo de três pelo preço de um!

Quando a aula acabou, fiquei na sala, fiz barulho chutan-

do o chão e tentei não parecer emburrada. Cass esperou um pouco, mas evitei seu olhar. Ela desviou os olhos de mim para a srta. Ayles, percebeu o que estava acontecendo e foi embora.

“Donna, obrigada por esperar”, disse a professora depois que todos haviam saído. Levou outra cadeira até a mesa dela, me pediu para sentar e também se sentou.

“Então, como está se sentindo?” Ela entrelaçou as mãos e me encarou, séria. Retribuí o olhar, mas não sabia se ela estava se referindo à matéria de inglês, ao colégio em geral, ou à vida como um todo. Pensei na reação dela se eu respondesse “*Bem, meu pai está saindo com uma mulher chamada Barbie, bem mais nova do que ele; minha melhor amiga passa o tempo todo com o novo namorado enquanto eu nunca tive um; então para ser sincera me sinto um pouco solitária na maior parte do tempo e... ah! Vou repetir sua disciplina. Mas, fora isso, tudo ótimo, obrigada*”. Mas, em vez disso, dei de ombros e falei:

“Tudo bem.”

A srta. Ayles suspirou e esfregou os olhos. “Donna, você deve saber que um A em inglês nas provas finais não é provável no seu caso...” Sem saber o que ela queria que eu dissesse, dei de ombros de novo. Ela foi bem clara. “Quer dizer, a menos que você corra muito atrás, vai repetir de ano.”

Dã! Grande novidade. Mas o fato era que eu não conseguiria de qualquer jeito, então de que adiantava “correr muito atrás”? Ou você entende uma coisa — e aí pode se empenhar para entender ainda mais —, ou não entende — e nesse caso é melhor desistir logo, porque não tem nem por onde começar. Zero vezes zero é zero, não? (Ha. Eu deveria ter feito ma-

temática. Até parece. Eu era ainda pior do que em inglês, em que consegui tirar um C nos exames de qualificação depois de refazê-los no ano passado. Aparentemente, estive a dois pontos de um B, o que me fez acreditar que eu seria capaz de passar nas provas finais, e que a matéria poderia ajudar com o teatro, então foi o que escolhi. Acreditem, me arrependi dessa decisão muitas vezes.) Mas não ia dizer isso a ela, então apenas respondi:

“Eu sei. Vou me esforçar.”

Ela fechou os olhos e apertou os lábios.

“Você quer passar nas provas, Donna?”

“*Claro!*”, disparei. Pelo amor de Deus. Quem *quer* ser reprovado? “Provavelmente vou me inscrever para a faculdade de teatro, e para ser aceita em duas das instituições preciso de notas boas em duas provas finais, então, *claro*, quero passar.”

A srta. Ayles piscou ao ouvir meu desabafo inesperado e falou:

“Bem, ouvi comentários excelentes sobre suas habilidades como atriz.” (*Sério?*) Ela olhou o relógio. “Se você não tiver nenhum compromisso agora, por que não compramos sanduíches e elaboramos um plano para o seu trabalho?”

“Tudo bem”, respondi, desamparada. Era a última coisa que eu queria fazer na vida, mas estava chateada demais e com ressaca demais para me opor. A srta. Ayles afastou a cadeira da mesa e pendurou a bolsa no ombro.

“O que você quer? É por minha conta.”

“Hum. Qualquer coisa. Por... por mim tanto faz”, gaguejei. Uma professora pagando meu almoço: bizarro.

“Queijo e pickles?”

“Sim. Ótimo. Obrigada.” Detesto pickles.

“Ótimo. Volto em alguns minutos.”

Assenti e me acomodei na cadeira. Que droga de dia.

Fomos comemorar o recesso com drinques no The Hobbit, um pub que frequentávamos de vez em quando. Normalmente eu ficava animadíssima, mas não naquele dia.

Ollie, que sempre estava alegre, jogou a cabeça para trás, tomou sua cerveja e limpou a boca com a parte de trás da mão, com se estivesse num comercial ruim, apesar de ter parado antes de levantar a garrafa à luz e encará-la arrebatadamente, como se ela guardasse o segredo da vida. Em seguida anunciou: “Então, amanhã vou a um lugar completamente incrível, e TODOS vocês vão ficar com inveja”. Ele se inclinou para trás na cadeira e sorriu. “Vamos lá, adivinhem.”

“Ou, você pode simplesmente nos contar.”

“Não. Adivinhem”, Ollie respondeu, teimoso, e a essa altura já estava mordendo o lábio de tanta ansiedade. Seria impossível aquela revelação não acabar soando ridícula. Ollie deve ter pensado a mesma coisa, pois subitamente endireitou-se na cadeira. “Tudo bem, eu conto. Eu vou a uma...”, ele anunciou, tamborilando os dedos na borda da mesa. “ROLLER DISCO!”

Silêncio e choque.

“Tipo um salão onde você anda de patins em círculos enquanto tocam músicas da moda?”, perguntou Ashley. A expressão dela era a melhor definição de “que porcaria é essa?”.

“Isso! Não é incrível?”, respondeu Ollie, que sabia soar afeminado quando queria.

“É incrível MESMO!”, concordou Sarah, com olhos do tamanho de pratos de comida. “Meu Deus, que inveja! Com quem você vai?”

“Meus primos”, ele falou. “Você pode vir com a gente, se quiser... o convite vale para todos”, acrescentou apressadamente. Nós tínhamos uma teoria de que ele gostava de Sarah, apesar de ser segredo absoluto. Ninguém podia saber. Principalmente a Sarah. Cass uma vez soltou alguma coisa sobre Ollie ter beijado Sarah no final do ano passado, mas, na ocasião, Cass estava bêbada e falando coisas sem sentido, então não dava para saber se era verdade. Eu não tinha intimidade suficiente com nenhum dos dois para perguntar. E ambos ficavam desconfortáveis quando as pessoas brincavam sobre o assunto. Mas para mim era óbvio que eles gostavam um do outro — e, por isso, não entendia por que não ficavam juntos logo; não é como se amor correspondido fosse algo comum. Mas que seja. Eu tentava não pensar muito no assunto. Era inveja, não era? De que alguém gostasse dela e ninguém de mim. Eram pensamentos horríveis, então eu não permitia que ficassem na minha cabeça por mais de um segundo, a não ser que fosse muito tarde da noite e/ ou eu estivesse muito bêbada e/ ou de ressaca.

Enfim.

“Estou dentro, com certeza”, declarou Cass. “Sou muito boa patinadora.” (Cass? Boa em alguma coisa? SERÁ QUE AS SURPRESAS NUNCA ACABARIAM?)

“Também topo”, disse Rich. “Fazer papel de palhaço e ao mesmo tempo correr o risco de quebrar meus ossos? Tem como não amar?” Sorriu. “Se bem que eu fiz aulas de patinação no gelo quando tinha dez anos, então existe a chance de que eu seja razoável com patins comuns.” Levantou a mão. “Só pra avisar.”

“O quê?! Todos vocês sabem patinar?” Ollie jogou as mãos para cima, inconformado. “A ideia era sermos péssimos juntos, pessoal.” Ele balançou a cabeça. “Que decepção.”

“Não se preocupe”, disse Sarah, afagando a mão dele. “Nunca patinei antes.”

Ollie soprou um beijo para ela.

“Bem, graças a Deus que você existe, linda.” (Estão vendo? É amor.) Ele olhou para mim, Ashley e Jack. “Vocês três estão dentro?”

“Onde me inscrevo?”, Ash perguntou para Ollie, com cara de desânimo e olhos semicerrados.

“Acho que isso é um não”, disse Ollie, voltando-se então para Jack, animado.

“Bem, eu adoraria, hum, com certeza”, Jack disse. “Mas vou sair com Hannah amanhã. Além disso, Luke me mataria se eu me machucasse agora.” Luke era o técnico de futebol de Jack. Jack era um atleta absurdamente bom e provavelmente estava prestes a ser descoberto por, sei lá, Alex Ferguson ou alguém desse tipo — apesar de ele já ter mencionado que gostaria de ser técnico de um grande time, e não jogador. Era um menino inteligente, nosso Jack. Todos olharam para mim, e uma onda de tédio me invadiu. Ah, que seja.

“Tudo bem, eu vou”, respondi, já pensando em alguma

desculpa para me livrar daquilo depois. Apesar de que, sei lá, o dia seguinte seria um novo dia, e eu gostava de experimentar coisas novas.

“Certo, então”, disse Ollie, franzindo um pouco a testa, diante da minha surpreendente falta de entusiasmo. Ou pelo menos acho que foi por isso. Talvez ele só tivesse soltado um pum desconfortável.

“Tudo bem, querida?”, Sarah me perguntou quando a conversa seguiu. “Você está quieta hoje.”

“Nada, só estou cansada”, respondi. “Deixa pra lá. Daqui a pouco passa.” E levantei rapidamente, pois sabia que Cass estava prestes a perguntar sobre o meu dia. “Alguém quer alguma coisa do bar?”, ofereci. “Vou pegar batatinhas.”

Quando voltei estavam todos conversando, e pude sentar sem que ninguém notasse. Olhei para Ashley, que estava no canto oposto da mesa, desviei e olhei de novo, pois ela estava me encarando. Levantei as sobrancelhas, e ela inclinou a cabeça para o lado, lançando um olhar de dó e murmurando um *tudo bem?* inaudível. Mas eu não estava a fim. Curvei o lábio e dei de ombros. *Nada*. Ela realmente parecia preocupada, então coloquei o celular sobre o colo e rapidamente mandei uma mensagem.

Dia de merda. Srta. Ayles me fez almoçar c/
ela. Ela come de boca aberta.

Ash respondeu:

Uuuuh, Donna e Ayles apaixonadas.

Respondi:

Ciumenta.

E Ash respondeu com:

Nada disso. Jamais abandonarei Paul, meu verdadeiro amor.

Paul era nosso tutor, um sujeito desprezível. Ri e fingi vomitar, e Ash deu risada. Naquele momento me senti um pouco melhor e desejei estar sentada ao lado dela. De algum jeito fui parar entre Jack e Cass, ambos adoráveis e tudo o mais, mas não eram as pessoas ideais para botar alguém pra cima. Além disso, eu previa que Cass iria atacar em poucos segundos. O que de fato aconteceu.

“Como foi com a srta. Ayles?”, ela perguntou, séria, colocando a mão no meu joelho. “Fiquei preocupada quando você não apareceu no almoço.”

Comecei a girar o descanso da cerveja. Um tique nervoso.

“Tudo bem. Foi só uma conversa encorajadora.”

Cass contraiu os lábios demonstrando solidariedade.

“O que ela disse?”

“Nada de mais. Não estou a fim de falar sobre isso, para ser sincera”, eu disse, torcendo para que ela entendesse minha indireta nada sutil e parasse de se intrometer.

Ela deu de ombros, conformada.

“Tudo bem. Estou aqui, se precisar de mim.”

“Obrigada”, respondi, praticamente cerrando os dentes. Eu sabia que ela tinha boas intenções, de verdade. O problema era esse lance de querer dar conselhos. Além disso, eu ainda estava um pouco irritada por causa da semana anterior, quando ela me soprou as respostas na aula da srta. Ayles. Foi humilhante pra caramba. De qualquer forma, nós discutimos, ela pediu desculpas, eu pedi desculpas, e ficamos bem — mas é que as coisas eram sempre tão *fáceis* pra ela. Quando ela namorava Adam, o babaca dispensado ontem à noite, Jack era completamente apaixonado por ela. Até onde eu sabia, ele ainda era, mas ela basicamente disse a ele que nunca iria rolar, então Jack foi sensato e encontrou outra pessoa, Hannah. Mas o fato era: ela poderia ter escolhido quem quisesse. E Jack era um partidão. Eu, pessoalmente, não era a fim dele, mas, desde uma experiência incrível com um garoto um tempo antes, eu havia decidido que provavelmente era melhor não gostar de ninguém, então meus sentimentos não contavam muito. Jack era alto, loiro, forte, bonito e provavelmente ficaria rico trabalhando para um time de primeira divisão. Mas Cass nem ligava. Ter alguém assim apaixonado por ela era só uma inconveniência. Eu simplesmente não conseguia conceber como era estar no lugar dela. Não sei qual era o meu problema. Bem, sei um pouco. Era um resquício da minha má experiência anterior. Ele me cercava como um bafo fedido, ou pelo menos essa era minha teoria. Eu emitia vibrações do tipo *não goste de mim — tenho a ficha suja*. E tendo a fazer piadas autodeprecia-

tivas, o que é tranquilo com amigos próximos, mas pessoas de fora às vezes acham que você está falando a verdade. Vide o “bafo fedido” supracitado.

Fosse como fosse, não importava. Era hora de dormir. Levantei, vesti o casaco, me defendi dos ataques de *O quê? Já vai?* e fui pra casa. Como disse, o dia seguinte seria um novo dia, e não tinha como ser pior do que aquele.